

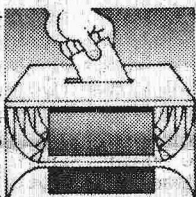
Ameaçado de extinção, SNI reage a candidato

O serviço secreto se defende das críticas de Collor e acha que sobrevive às eleições

BARTOLOMEU RODRIGUES

BRASÍLIA — Alvo predileto do candidato do PRN à Presidência, Fernando Collor de Mello, o Serviço Nacional de Informações (SNI) completa 25 anos de existência obscura na terça-feira, 13, sem se mostrar intimidado com ameaças. Se eleito presidente, conforme observa um dos militares responsáveis pelas atividades de espionagem do governo, Collor terá de conseguir maioria no Congresso Nacional para derrubar a Lei 4.341, assinada pelo ex-presidente Castello Branco, em 1964, para dotar o regime militar de um serviço de informações.

Com grampo ou sem



grampo, segundo a filosofia dos militares que ao longo do tempo vêm tentando aperfeiçoar suas atividades, o SNI é um organismo necessário a qualquer regime até mesmo o de um hipotético governo Collor. O comentário que se faz a respeito da promessa de acabar com o Serviço — jargão militar para SNI — é de que o candidato, para ganhar apoio do povo, se aproveitou dos erros cometidos pelo SNI no passado, quando o órgão literalmente bisbilhotava a vida alheia.

“Hoje não se faz mais isso”, garantiu em diversas ocasiões o ministro do SNI, general Ivan de Souza Mendes. Se a escuta telefônica é coisa do passado, o mesmo não acontece com o fichário que o general mantém à disposição do presidente, reunindo mais de dez mil personalidades da vida pública, das quais se pode saber detalhes da vida passada e suas tendências ideológicas. Um militar justificou a existência do fichário com o mesmo argumento dos comerciantes precavidos: “Se você vai a uma loja comprar a crediário, o dono da loja tem direito de saber se o cliente está sujo na praça. Se estiver, nada feito”.

Nem sempre, porém, o presidente Sarney tem respeitado as opiniões do SNI, que de nada valeram, por exemplo, para impedir a nomeação de Aníbal Teixeira para a Secretaria do Planejamento. Por uma razão desconhecida do público, Sarney ignorou os apelos do general Ivan, e só demitiu Aníbal quando o escândalo de corrupção assumiu proporções gigantescas.

A extinção do Serviço, na opinião de militares, é apenas uma ameaça sem sentido, até porque, acham eles, “todos os governos do mundo, democráticos ou não, têm seus serviços de informações e contra-informações”.



Protásio Nêne/AE — 28/4/89

Ivan: SNI é outro